

Evidências Psicométricas do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em uma amostra de Adolescentes

Psychometric Evidence of the Ambivalent Sexism Inventory (ISA) in a sample of Adolescents

Evidencia Psicométrica del Inventario de Sexismo Ambivalente (ISA) en una muestra de Adolescentes

Erica Karine Santana Santos* , Elder Cerqueira-Santos** ,
Mozer de Miranda Ramos***

RESUMO

O presente estudo buscou encontrar evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para aplicação em adolescentes. Para tanto, foi realizado um estudo psicométrico, conduzido através de um *survey online*, do qual participaram 486 adolescentes de diferentes perfis sociodemográficos, com idade de 14 a 23 anos. Foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória para produzir evidências de validade de constructo e testes bivariados para indicar evidências de validade de critério e convergente. Os resultados foram satisfatórios, uma vez que a escala apresentou propriedades psicométricas adequadas para o uso com adolescentes.

Palavras-chave:
medida, sexismo,
preconceito,
adolescentes.

ABSTRACT

The present study aimed to find evidence of the validity of the Ambivalent Sexism Inventory (ASI) for application with adoles-

Keywords:
measurement,

* Mestre e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7097-7023>. E-mail: ericakarine.psi@gmail.com

** Pós-Doutorado pela University of Toronto (Canada), Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul / University of Nebraska - USA e Professor do PPG de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1116-6391>. E-mail: eldercerqueira@gmail.com

*** Mestre e Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5164-1543>. E-mail: mozeramos@yahoo.com.br

cents. For this purpose, a psychometric study was performed through an online survey of 486 adolescents ages 14 to 23 with different social and demographic profiles. A Confirmatory Factor Analysis was performed to yield evidence of the construct validity, as well as bivariate testing to indicate evidence of criterion and convergent validity. The results were satisfactory as the scale presented adequate psychometric properties for use with adolescents.

sexism, prejudice, adolescents.

RESUMEN

El presente estudio buscó encontrar evidencias de validez del Inventario de Sexismo Ambivalente (ISA) para su aplicación en adolescentes. Para ello, se realizó un estudio psicométrico, realizado a través de una encuesta online, en el que participaron 486 adolescentes de diferentes perfiles sociodemográficos, con edades comprendidas entre los 14 y los 23 años. Se realizó un análisis factorial confirmatorio para obtener evidencias de validez de constructo y pruebas bivariadas para indicar evidencia de validez de criterio y convergencia. Los resultados fueron satisfactorios, ya que la escala mostró propiedades psicométricas adecuadas para su uso con adolescentes.

Palabras clave: medición, sexismo, prejuicio, adolescentes.

Introdução

A violência está tão entranhada no cotidiano que o fato de pensar e agir em função dela deixou de ser um ato circunstancial, para se transformar numa forma do modo de ver e de viver no mundo (Odalía, 2017). A violência consiste em ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual (Minayo & Souza, 1998).

A violência de gênero diz respeito a qualquer tipo de violência (física, social ou simbólica) que tenha por base a organização social dos sexos/gêneros e que seja perpetrada contra indivíduos especificamente em virtude de seu sexo, sua identidade de gênero ou orientação sexual (Sardenberg & Tavares, 2016). No que se refere à violência contra a mulher, esse é um fenômeno histórico, complexo e de difícil conceituação que permeia as relações desiguais entre homens e mulheres (Barufaldi et al., 2017). Dados apontam que, em 2018, 4.519 mulheres foram assassinadas no Brasil, o que representa uma taxa de 4,3 homicídios para cada 100 mil habitantes do sexo feminino. Isso significa uma mulher assassinada no Brasil a cada duas horas; o percentual de mulheres que sofrem a violência dentro da residência é 2,7% vezes maior do que o de homens, o que reflete a dimensão da violência de gênero e, em particular, do feminicídio (Alves et al., 2020). Feminicídios são assassinatos de mulheres, decorrentes das desigualdades de gênero e representam a forma mais extrema da violência contra a mulher. São considerados um problema social e político emergente, representando a total violação dos direitos das mulheres (Meneghel & Margarites, 2017).

A Organização das Nações Unidas (ONU) reconhece que a violência contra as mulheres constitui uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, que conduziram ao domínio e à discriminação das mulheres por parte dos homens e que impediram o progresso pleno a elas. A violência contra as mulheres constitui um dos mecanismos sociais fundamentais através dos quais estas são forçadas a assumir uma posição de subordinação em relação aos homens (Resolução n. 48/104, 1993, p. 1). À mulher continuamente foi destinado um lugar secundário na sociedade. Pensamentos discriminatórios e sexistas, bem como a ostentação das mulheres como objetos e a exigência de que fossem “treinadas” para servir embasavam uma ideologia de dominação masculina que visava uni-

camente o estabelecimento da supremacia e da manutenção de uma ordem social opressora (Cerqueira, Souza, & Jesus Junior, 2013).

A abordagem sociocognitiva compreende o sexismo como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade, dirigida aos indivíduos de acordo com o “sexo” (Glick & Fiske, 1996). O sexismo pode ser manifesto inferiorizando tanto o gênero feminino quanto o gênero masculino, e encontra-se embasado em uma sociedade fundamentada em resquícios de uma cultura de modelo patriarcal, na qual é corrente a manifestação do preconceito com relação às mulheres (Souza, 2016).

Glick e Fiske (1996) apontam a existência do sexismo ambivalente, no sentido de existirem duas formas de expressão do preconceito, entendidas como ambivalentes e que se baseiam na assumida inferioridade ou diferença das mulheres como um grupo; esse modelo apresenta duas formas principais: hostil e benévolo. O sexismo hostil evidencia crenças e práticas típicas de pessoas que consideram as mulheres inferiores aos homens, refletindo antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão; e o sexismo benevolente refere-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, evidenciando o sentido paternalista que a descreve como pessoa frágil, que necessita de atenção, mas que também pode complementar o homem (Formiga, Golveia, & Santos, 2002).

Um estudo desenvolvido com adolescentes masculinos, que considerou conjuntamente o sexismo (hostil e benevolente) e o estereótipo de gênero, apontou a possibilidade de que os componentes do preconceito sexista contra as mulheres possam ter maior presença do que o estereótipo de gênero. Indicou também que o preconceito contra a mulher provavelmente se instala precocemente (Mesquita-Filho, Eufrásio, & Batista, 2011). Os mesmos autores apontam também a necessidade de realização de novos estudos incluindo mulheres nessa faixa etária. O instrumento utilizado nesse estudo foi o Inventário de Sexismo Ambivalente - ISA - (Formiga, Golveia, & Santos, 2002), que tem sido amplamente utilizado no Brasil em pesquisas que rondam essas temáticas, mas, em contrapartida, o instrumento adaptado e validado para o contexto brasileiro pelos autores supracitados tem sido aplicado predominantemente em estudos com amostra de adultos (Formiga, 2006; Formiga, Araújo, & Cavalcante, 2007; Formiga, 2011;

Formiga, 2015; Formiga, Fachini, Curado, & Teixeira, 2017; Gaspodini, Formiga, & Falcke, 2019). Na literatura consultada, apenas um estudo brasileiro foi encontrado apontando o uso do ISA exclusivamente com adolescentes, entretanto, não apresentou evidências de validade para esse grupo (Mesquita Filho, Eufrásio, & Batista, 2011).

Assim, torna-se importante a produção de evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para uso com adolescentes, uma vez que é a única medida utilizada no contexto brasileiro para avaliação do construto, e até o momento não foram produzidas evidências de validade para o grupo em questão. Diante desse panorama, torna-se importante a viabilização de pesquisas sobre violência de gênero, machismo e sexismo em diferentes fases do desenvolvimento humano, inclusive na adolescência, uma vez que concepções sexistas entre adolescentes podem suscitar práticas discriminativas e preconceituosas (Santana-Santos & Cerqueira-Santos, 2020). Assim, o presente estudo buscou encontrar evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para aplicação em adolescentes.

Método

Participantes

A amostra foi constituída por adolescentes de 14 anos a 23 anos (segundo o critério da OMS, 2011), de diferentes perfis sociodemográficos, convidados a partir de uma chamada on-line para responder a pesquisa. A amostra foi por conveniência, e os critérios de inclusão eram: adolescentes a partir de 14 anos, que estavam cursando o ensino médio e que aceitaram o termo de consentimento. Os convites foram amplamente divulgados para garantir que indivíduos de vários estados do Brasil respondessem, assim como para que se conseguisse uma boa proporção de diferentes perfis demográficos em termos de renda, gênero, orientação sexual e tipo de instituição. A amostra final foi composta por 486 adolescentes.

Instrumentos

Os participantes responderam três instrumentos, o Questionário de dados sociodemográficos, o Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) e a Escala de Orientação à Dominância Social (SDO₇). A saber:

Questionário de dados sociodemográficos: elaborado pelos autores do estudo, composto de perguntas para a caracterização da amostra. As variáveis idade, tipo de instituição de ensino (pública ou privada), gênero, orientação sexual, raça, zona de moradia (urbana ou rural) e local de residência (capital ou interior) foram levantadas a partir deste instrumento.

Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA): foi elaborado originalmente em língua inglesa (Glick & Fiske, 1996) e adaptado para o Brasil (Formiga, Golveia, & Santos, 2002). Apresentou parâmetros psicométricos para a população brasileira com os seguintes indicadores de ajuste: GFI = 0,77 e AGFI = 0,72; χ^2 /g.l. = 3,18; e RMSR = 0,10. O instrumento possui 22 itens que avaliam os estereótipos assumidos por cada gênero (masculino e feminino) a respeito de duas dimensões do sexismo: o sexismo hostil (por exemplo: As mulheres tentam ganhar poder controlando os homens. As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente irracionais aos homens) e o sexismo benévolo (por exemplo: Todo homem deve ter uma mulher a quem amar. Uma boa mulher deveria ser posta em um pedestal pelo homem). Nesse estudo, o fator de sexismo hostil e benevolente apresentaram respectivamente Coeficiente Alfa de Cronbach de 0,887 e 0,854. Para responder o instrumento, o participante deve ler cada item e indicar quanto está de acordo com o conteúdo expresso, utilizando uma escala tipo Likert de cinco pontos, que varia do Discordo totalmente (1) ao Concordo totalmente (5).

Escala de Orientação à Dominância Social - 7 (Ho et al., 2015) é uma medida de autorrelato composta por 2 fatores substanciais (“Dominância Social” e “Anti-Igualitarismo”) e 2 fatores de método (pró-traço x contra-traço). No estudo original de desenvolvimento, o instrumento apresentou boas propriedades psicométricas (CFI > 0,90; RMSEA < 0,08; χ^2 /graus de liberdade < 2,00) em sete amostras diferentes, além de boa validade convergente, divergente e de critério entre grupos. Na versão em português da SDO₇, as respostas podiam variar em uma escala Likert de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Para este estudo, foi utilizada a versão longa da SDO₇ para o contexto nacional (Vilanova, Almeida-Segundo, Duarte, & Costa, 2020), que apresentou Coeficiente Alfa de Cronbach superior a 0,70. O instrumento na versão longa possui 16 itens, cuja estrutura conta com

4 fatores, sendo 2 substanciais e 2 de método. O fator substancial da Dominância agrupa itens relacionados à preferência por hierarquias grupais em que há clara opressão a grupos subordinados (por exemplo: Alguns grupos devem ser mantidos em seus devidos lugares na sociedade. Grupos em posições inferiores na sociedade merecem tanto quanto grupos que estão em posições superiores). No que se refere à dimensão do Anti-Igualitarismo, os itens agrupados relacionam-se à preferência pela desigualdade entre grupos, rejeitando políticas públicas que reduzem a desigualdade e sendo favorável a crenças que sutilmente reforcem hierarquias sociais (por exemplo: Nós não deveríamos promover a igualdade entre os grupos. Nós deveríamos trabalhar para oferecer a todos os grupos chances iguais de serem bem-sucedidos).

Procedimentos

A produção dos dados foi realizada por meio de um *survey*. Os participantes foram convidados para responder a pesquisa através de uma chamada pública em redes sociais (*WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter*) entre 30 de março e 12 de maio de 2020. O anúncio de divulgação da pesquisa foi gerado via rede social para que um maior número de adolescentes fosse alcançado. A partir de um questionário criado no *Google Docs*, foi gerado um *link*, no qual os participantes tinham acesso à pesquisa, bem como aos Termos de Consentimento/Assentimento e a uma breve descrição sobre o estudo, a partir da qual era possível clicar no botão de concordar em participar do estudo e assim prosseguir.

Aspectos éticos

A validação do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para uso em adolescentes teve início após a autorização dos autores da versão brasileira do instrumento. A coleta dos dados ocorreu após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de (omitido para avaliação), o protocolo está registrado sob o número de CAAE: (omitido para avaliação).

Os aspectos éticos que garantem a integridade dos participantes deste estudo foram assegurados, com base nas Resoluções nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012) e na nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2016). Além do Termo de Consenti-

mento/Assentimento Livre e Esclarecido (para pais e adolescentes, respectivamente), afirmou-se a garantia de sigilo das informações pessoais e a possibilidade de o participante desistir da pesquisa a qualquer momento não havendo problema quanto a isso.

Análise de dados

Os dados foram transferidos do formulário do *Google Docs* e analisados quantitativamente a partir do programa estatístico JASP. Foram realizadas análises univariadas descrevendo a amostra pelos dados sociodemográficos (gênero, orientação sexual, idade, identidade racial, religião, tipo de instituição de ensino, série escolar, local de moradia e renda).

Para a análise do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) foram utilizados cinco parâmetros de adequação de ajuste para avaliar os modelos: (a) a razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade (χ^2 / df); (b) a raiz quadrada dos resíduos padronizados (SRMR); (c) o índice de adequação de ajuste (CFI); (d) o índice de Tucker-Lewis (TLI), e; (e) a raiz quadrada do erro médio ajustada (RMSEA). Considerou-se como parâmetro de ajuste: (χ^2 / df) menor do que 5 (Wheaton, Muthen, Alwin & Summers, 1977); SRMR menor do que 0,08 (Brown, 2006; Schreiber, Stage, King, Nora & Barlow, 2006); CFI e TLI maior 0,90 (sendo desejável acima de 0,95) (Brown, 2006; Schreiber et al., 2006); RMSEA menor que 0,08, sendo que se maior do que 0,10 há falta de ajuste (Schreiber et al., 2006).

Resultados

Dados sociodemográficos

A amostra foi composta por 486 adolescentes, desses, 344 (70,8%) se autodeclararam do gênero feminino, 140 (28,8%) se autodeclararam do gênero masculino. A respeito da orientação sexual, 380 (78,2%) se autodeclararam como heterossexuais. A idade variou de 14 a 23 anos, com média de 16,35 anos ($DP = 1,37$). No que se refere à identidade racial, a maioria se autodeclarou como pardo(a) ($n = 236$; 48,6%) e branco(a) ($n = 179$; 36,8%). Acerca da religião, houve maior concentração para a católica, com 220 (45,3%) respondentes.

No que concerne aos dados escolares, 284 (58,4%) são provenientes de escolas públicas. Em relação às questões de moradia e renda, 389 (80%) residem na zona urbana e 97 (20%) residem na zona rural. Destaca-se que 326 (67,1%) são do interior dos estados e 160 (32,9%) são das capitais. A renda familiar da maioria dos respondentes varia entre menos de 1 mil reais a 3 mil reais ($n = 298$; 61,3%). Os principais dados sociodemográficos estão organizados na Tabela 1.

Tabela 1
Dados sociodemográficos

Características	Distribuição estatística		
	Grupos	Frequência (n)	Porcentagem
Gênero	Feminino	344	70,8%
	Masculino	140	28,8%
	Outro	2	0,4%
Orientação Sexual	Heterossexual	380	78,2%
	Homossexual	18	3,7%
	Bissexual	88	18,1%
Idade	14 - 18 anos	465	95,7%
	19 - 23 anos	20	4,1%
	Omisso	1	0,2%
Identidade Racial	Brancos	179	36,8%
	Pardos	236	48,6%
	Pretos	58	11,9%
	Amarelos	8	1,6%
	Indígenas	5	1,0%
Tipo de instituição	Pública	284	58,4
	Particular	202	41,6
Série escolar	Primeiro ano	128	26,3%
	Segundo ano	113	23,3%
	Terceiro ano	245	50,4%
Local de residência	Zona urbana	389	80%
	Zona rural	97	20%

Produção de evidências psicométricas

O modelo testado contém dois fatores correlacionados, sexismo benevolente e sexismo hostil. Inicialmente, verificaram-se os valores dos alfas de Cronbach e o ômega de McDonald da escala e de cada um dos seus fatores. A escala geral apresentou o mesmo índice no alfa e no ômega, 0,917. O fator de sexismo benevolente apresentou alfa de 0,854 e ômega de 0,851. No fator de sexismo hostil, os valores foram 0,887 para os dois índices. A AFC foi realizada no JASP, a partir do estimador DWSL, que é adequado para dados do tipo Likert.

A razão do qui quadrado (296,672) pelos graus de liberdade (208) foi de 1,426. O CFI foi de 0,992; o TLI foi 0,991; o RMSEA, 0,030 (90% IC = 0,022 – 0,037); o SRMR, 0,055. Não foram identificadas necessidades de se utilizar os Índices de Modificação para ajustes do modelo. Assim, nenhum dos índices infringiu os parâmetros que indicam ajuste. As cargas fatoriais e as estatísticas descritivas dos itens, como média, desvio padrão, assimetria, curtose e correlação item-total, estão dispostas na Tabela 2.

Tabela 2
Cargas Fatoriais e estatísticas descritivas dos itens da ISA

Itens	(Carga Fatorial)	<i>M (DP)</i>	Assimetria / Curtose	Alfa / Ômega (com a retirada do item)	Correlação item - total
Fator 1 - Sexismo Hostil					
2	0,865	2,586 (1,463)	0,357 / -1,308	0,884 / 0,883	0,548
4	0,738	2,432 (1,266)	0,463 / -0,931	0,883 / 0,883	0,526
5	0,779	2,037 (1,185)	0,935 / -0,225	0,875 / 0,875	0,644
7	0,701	1,722 (1,080)	1,547 / 1,519	0,877 / 0,877	0,607
10	0,744	2,101 (1,077)	0,714 / -0,372	0,876 / 0,875	0,638
11	0,751	1,889 (1,101)	1,143 / 0,427	0,875 / 0,874	0,650
14	0,635	1,866 (1,034)	1,080 / 0,380	0,879 / 0,878	0,587
15	0,707	2,008 (1,061)	0,888 / 0,007	0,876 / 0,876	0,634
16	0,825	2,158 (1,126)	0,599 / -0,716	0,871 / 0,871	0,703
18	0,819	2,556 (1,283)	0,209 / -1,255	0,881 / 0,881	0,558
21	0,664	1,794 (0,998)	1,171 / 0,720	0,876 / 0,876	0,640
Σ Sexismo Hostil	-	2,105 (0,795)	0,429 / -0,541	-	-

Fator 2 - Sexismo Benevolente					
1	0,687	2,006 (1,081)	0,941 / 0,043	0,840 / 0,840	0,577
3	0,456	2,412 (1,143)	0,385 / -0,704	0,849 / 0,853	0,387
6	0,551	1,553 (0,950)	1,995 / 3,717	0,843 / 0,845	0,514
8	0,768	2,852 (1,230)	0,004 / -1,089	0,835 / 0,839	0,578
9	0,863	2,854 (1,428)	0,092 / -1,355	0,837 / 0,842	0,552
12	0,949	2,241 (1,280)	0,715 / -0,637	0,833 / 0,833	0,647
13	0,690	1,765 (1,025)	1,429 / 1,494	0,838 / 0,836	0,643
17	0,708	2,191 (1,175)	0,643 / -0,626	0,833 / 0,838	0,587
19	0,543	3,247 (1,207)	-0,568 / -0,664	0,849 / 0,852	0,410
20	0,740	2,117 (1,142)	0,804 / -0,243	0,833 / 0,839	0,587
22	0,670	2,918 (1,328)	0,040 / -1,173	0,841 / 0,844	0,525
Σ Sexismo Benevo- lente	-	2,378 (0,758)	0,306 / -0,208	-	-

Evidências de validade de critério

Foram realizados testes de diferenças de médias, objetivando compreender como os fatores da ISA discriminam grupos nessa amostra de adolescentes. Com relação à zona de moradia, urbana ou rural, não foi encontrada diferença significativa entre os grupos, nem com relação ao sexismo hostil ($p = 0,216$), nem com relação ao benevolente ($p = 0,464$). Entretanto, com relação a morar numa capital ou no interior do estado, foram encontradas diferenças significativas, apontando maiores médias de sexismo para os residentes em cidades do interior. No sexismo hostil ($t = -2,938$; $p = 0,003$; Cohen's $d = 0,300$), a média do grupo do interior ($n = 354$) foi de 2,169 ($DP = 0,814$), enquanto do grupo da capital ($n = 132$) foi de 1,933 ($DP = 0,713$). Já no sexismo benevolente ($t = -2,655$; $p = 0,008$; Cohen's $d = 0,271$), as médias foram, respectivamente, 2,433 ($DP = 0,771$) e 2,229 ($DP = 0,703$).

Também foram encontradas diferenças significativas nas médias dos grupos que estudavam em escola pública ($n = 284$) e particular ($n = 202$). O teste t evidenciou que o grupo que estudava na escola pública apresentou mais sexismo hostil ($M = 2,201$; $DP = 0,824$; $t = 3,204$; $p = 0,001$; Cohen's $d = 0,295$) e benevolente ($M = 2,476$; $DP = 0,773$; $t = 3,411$; $p < 0,001$; Cohen's $d = 0,314$) comparado ao grupo da escola particular ($M = 1,969$; $DP = 0,732$, e; $M = 2,240$; $DP = 0,715$).

Houve diferença significativa entre os gêneros, tanto no sexismo hostil ($t = 7,191$; $p < 0,001$; Cohen's $d = 0,721$), quanto no benevolente ($t = 5,734$; $p < 0,001$; Cohen's $d = 0,575$). Nos dois casos, o gênero masculino ($M = 2,493$; $DP = 0,759$, e; $M = 2,676$; $DP = 0,767$), com 140 indivíduos, apresentou maiores médias do que o gênero feminino ($M = 1,947$; $DP = 0,757$, e; $M = 2,254$; $DP = 0,720$), com 344 indivíduos. Na comparação entre o grupo que se identificou como heterossexual ($n = 380$) com o que se identificou como não-heterossexual ($n = 106$), as diferenças também foram significativas para o sexismo hostil ($t = 3,093$; $p = 0,002$; Cohen's $d = 0,340$) e para o benevolente ($t = 2,768$; $p = 0,006$; Cohen's $d = 0,304$). Os heterossexuais ($M = 2,163$; $DP = 0,783$, e; $M = 2,428$; $DP = 0,750$) apresentaram maiores médias de sexismo hostil e benevolente do que os não-heterossexuais ($M = 1,895$; $DP = 0,804$, e; $M = 2,199$; $DP = 0,763$).

Evidências de validade convergente

Foram investigadas, por fim, as correlações dos fatores da ISA com os fatores da SDO-7. A hipótese de que a inclinação à dominância social seria uma das bases do sexismo amparou a análise. Para isso, as correlações foram realizadas de forma separada para os que se identificaram com o gênero masculino ($n = 140$) e o gênero feminino ($n = 344$). Os resultados estão organizados na Tabela 3.

Tabela 3
Correlações entre as escalas ISA e SDO-7

		Coeficientes de Correlação (r)				Gênero
		<i>Sexismo Hostil</i>	<i>Sexismo Benevolente</i>	<i>Dominância</i>	<i>Anti-igualitarismo</i>	
Gênero Masculino	<i>Sexismo Hostil</i>		0,665*	0,458*	0,331*	Feminino
	<i>Sexismo Benevolente</i>	0,583*		0,351*	0,215*	
	<i>Dominância</i>	0,372*	0,303*		0,600*	
	<i>Anti-igualitarismo</i>	0,233*	0,120	0,569*		

* $p < 0,001$

Discussão

Este estudo objetivou encontrar evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para o uso com adolescentes, que mensura os estereótipos assumidos por cada gênero (masculino e feminino) a respeito das duas dimensões do sexismo (hostil e benevolente). Buscou-se oferecer uma medida com evidências de validade para o contexto brasileiro e a viabilidade de futuras pesquisas e intervenções com esse grupo específico.

Os resultados mostraram indicadores psicométricos confiáveis para a estrutura com dois fatores do sexismo ambivalente (hostil e benevolente) na amostra estudada. As medidas de confiabilidade utilizadas, o alfa de Cronbach e o ômega de McDonald, apresentaram bons resultados. Os índices de ajuste que estão sustentados na avaliação dos indicadores estatísticos (p.ex., χ^2/ gl , CFI, TLI, RMSEA, SRMR) também se apresentaram adequados. De maneira geral, o modelo testado, que apresenta dois fatores correlacionados, (sexismo hostil e sexismo benevolente) mostrou-se consistente.

A diferença do sexismo entre os gêneros apresentou o maior tamanho de efeito desta pesquisa. Os resultados apontam que o gênero masculino apresentou maiores médias de sexismo hostil e benevolente, o que corrobora a literatura, uma vez que estudos utilizando amostra de adultos também encontraram maiores médias para os respondentes do gênero masculino (Sales-Oliveira, Villas-Boas, & Las-Heras, 2016; Janos Uribe & Espinosa Pezzia, 2018). No que se refere à orientação sexual e ao local de moradia, os adolescentes heterossexuais e que moram no interior apresentaram maiores médias de sexismo, este dado não foi explorado na literatura com adultos referente a esta escala. No entanto, dados similares de expressão de preconceito (homofobia) já foram encontrados na literatura (Costa, Peroni, De Camargo, Pasley, & Nardi, 2015; Costa, Catelan, Araujo, Silva, Koller, & Nardi, 2017).

A correlação encontrada entre os fatores da ISA e os fatores da SDO-7 apontam que a inclinação à dominância social seria uma das bases do sexismo, dado que as pessoas que apresentam maiores níveis de “Dominância Social” e “Anti - Igualitarismo” tendem a ser mais preconceituosas. Tal resultado é sustentado na literatura quando se entende que a “Orientação à Dominância Social” reflete uma tendência a apoiar o

estabelecimento de relações hierarquizadas na sociedade (Pratto et al., 2006), assim como prediz o preconceito contra alguns alvos que são considerados socialmente “degenerados” (Duckitt & Sibley, 2007).

Este trabalho apontou para a existência do sexismo ambivalente na população adolescente, com uma tendência de maiores médias para determinados grupos (meninos, heterossexuais, estudantes de escola pública e residentes do interior). Diante do exposto, nota-se a importância de fomentar discussões e de apresentar intervenções sobre o tema com a população em questão. Nesse contexto, o Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) mostra-se uma medida de rastreamento com boas propriedades psicométricas que poderá embasar intervenções mais consolidadas.

De maneira geral, o sexismo refere-se à discriminação de gênero, e é notável o quanto as crenças sexistas foram perpetuadas na sociedade ao longo dos séculos, o que torna relevante as ações de combate ao sexismo. A literatura aponta a presença de comportamentos sexistas nos mais diversos contextos e nas variadas fases do desenvolvimento humano. Na infância enquanto brincam, as crianças nem sempre têm as mesmas oportunidades de manifestar, de forma livre, suas intenções e seus desejos, uma vez que os brinquedos já sugerem quem deve usá-los (Pereira & De Oliveira, 2016).

Na adolescência, nota-se a influência do gênero nos processos de escolha profissional, uma vez que as construções sociais acerca de papéis de gênero contribuem para o desenvolvimento de crenças sobre as profissões, o que leva a uma ideia de que existem “profissões femininas” e “profissões masculinas”, e que são necessárias características e habilidades próprias de cada gênero para a execução de determinadas tarefas (Santana-Santos & Cerqueira-Santos, 2020). Um estudo realizado com adolescentes apontou que os estereótipos de gênero ainda permeiam as representações mentais dos/as jovens no que diz respeito às profissões na área de Engenharia, o que pode influenciar diretamente nas suas escolhas profissionais de meninas e sua inserção em cursos culturalmente predeterminados como masculinos (Maiato & Carvalho, 2020).

Na vida adulta, as questões relacionadas ao sexismo podem ser vistas em diversas facetas da vida do indivíduo, a exemplo dos relacionamentos, em que o sexismo é apontado como variável relevante

reduzindo a satisfação em relacionamentos românticos (Santos, 2019). Nota-se ainda este fenômeno nas questões de trabalho, no sentido de que o sexismo afeta diretamente os lugares ocupados por homens e mulheres, dado que as relações de gênero ancoradas pelo machismo e pelo sexismo delineiam quais papéis sociais são destinados a homens e mulheres (Silva & Mendes, 2015), levando em consideração ainda que as mulheres continuam enfrentando mais desafios do que os homens no mundo do trabalho e são bem mais penalizadas quando se inserem em contextos profissionais contranormativos (Pinto, Amorim, Barbosa, & De Carvalho, 2019; Viana, De Sousa, & Torres, 2018).

Considerações finais

Esse estudo buscou encontrar evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para aplicação em adolescentes. Os resultados foram satisfatórios para os objetivos pretendidos com o estudo, uma vez que se conseguiu produzir evidências de validade do instrumento para o uso com uma amostra específica (adolescentes), mas é importante destacar algumas limitações. A primeira limitação do estudo refere-se à desigualdade na amostra, uma vez que houve mais respondentes do gênero feminino ($n = 344$) do que do gênero masculino ($n = 140$). A segunda limitação refere-se ao fato de que a proposta inicial deste estudo contava com uma coleta presencial em escolas públicas e particulares que já estavam previamente agendadas, as quais precisaram ser suspensas em virtude da pandemia do Sars-CoV-2 (Covid-19) e das recomendações de distanciamento social, assim a coleta foi realizada através de um *survey online*, o que pode ter limitado a amostra pelo viés de acesso.

Em estudos futuros, sugere-se a realização de análises de invariância baseados no gênero e análises de regressão que expliquem os fatores do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA). A produção de evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para uso com adolescentes mostra-se de grande relevância no contexto atual, uma vez que não tínhamos na literatura brasileira nenhum outro instrumento para mensuração desse construto, tão pouco haviam sido realizados estudos de evidências sobre o instrumento em uma amostra tão específica. Dessa forma, a medida em questão pode ser utilizada futuramente em estudos e intervenções com adolescentes de maneira consolidada.

Referências

- Alves, P. P., Lima, R. S. D., Silva, E. R. A. D., Ferreira, H., Pimentel, A., Barros, B., ... & Sobral, I. (2020). Atlas da violência 2020. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116.riatlasdaviolencia2020>
- Barufaldi, L. A., Souto, R. M. C. V., Correia, R. S. D. B., Montenegro, M. D. M. S., Pinto, I. V., Silva, M. M. A. D., & Lima, C. M. D. (2017). Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. *Ciência & saúde coletiva*, 22, 2929-2938.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research*. New York, NY: The Guilford Press. (DOI INEXISTENTE)
- Cerqueira, A. B., Souza, P. C. M. D., & Jesus Junior, G. D. (2013). Violência Simbólica: Mulheres machistas e a reprodução da cultura de dominação masculina. *X Colóquio do Museu Pedagógico*.
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). Resolução nº 466/2012 - *Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF.
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução nº 510/2016 - *Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF.
- Costa, A. B., Peroni, R. O., de Camargo, E. S., Pasley, A., & Nardi, H. C. (2015). Prejudice toward gender and sexual diversity in a Brazilian Public University: prevalence, awareness, and the effects of education. *Sexuality Research and Social Policy*, 12(4), 261-272.
- Costa, A. B., Catelan, R. F., Araujo, C. L. D., Silva, J. P. D., Koller, S. H., & Nardi, H. C. (2017). Efeito de configuração no apoio ao casamento de pessoas do mesmo sexo em universitários brasileiros. *Psico (Porto Alegre)*, 48(2), 99-108.
- Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2007). Right wing authoritarianism, social dominance orientation and the dimensions of generalized prejudice. *European Journal of Personality*, 21(2), 113-130. doi:10.1002/per.614
- Formiga, N. (2015). Evidência psicométrica de um modelo fatorial-conceitual concorrente do Inventário de Sexismo Ambivalente em brasileiros. *REVISTA DE PSICOLOGIA/ Journal of Psychology*, 17(1), 9-20.

- Formiga, N. S. (2006). Consistência mensurável do sexismo ambivalente no contexto brasileiro. *Psicologia. com. pt.*
- Formiga, N. S., Araújo, T. T., & Cavalcante, C. P. (2007). A manutenção da discriminação feminina no contexto brasileiro: um estudo sobre a fidedignidade do sexismo ambivalente. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 7*(1), 59-70.
- Formiga, N. S., Fachini, A. C., Curado, F., & Teixeira, J. (2017). As duas faces do preconceito feminino: Análise do inventário de sexismo ambivalente em homens brasileiros. *Psicologia Argumento, 23*(41), 57-63.
- Formiga, N. S., Golveia, V. V., & Santos, M. N. D. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: Sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em estudo, 7*(1), 103-111. doi: 10.1590/S1413-73722002000100013
- Gaspodini, I. B., Formiga, N. S., & Falcke, D. (2019). Evidência Psicométrica da Estrutura Fatorial do Sexismo Ambivalente em Profissionais de Psicologia do Brasil. *Actualidades en Psicología, 33*(127), 21-36.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology, 70*(3), 491-512. doi: 10.1037/0022-3514.70.3.491
- Ho, A. K., Sidanius, J., Kteily, N., Sheehy-Skeffington, J., Pratto, F., Henkel, K. E., ... & Stewart, A. L. (2015). The nature of social dominance orientation: Theorizing and measuring preferences for intergroup inequality using the new SDO₇ scale. *Journal of Personality and Social Psychology, 109*(6), 1003. doi: 10.1037/pspi0000033.supp
- Janos Uribe, E., & Espinosa Pezzia, A. (2018). Sexismo ambivalente e sua relação com a aceitação de mitos sobre a violência sexual em uma amostra de Lima. *Journal of Psychological Research, 19*(1), 61-74.
- Maiato, A. M., & de Carvalho, F. A. H. (2020). Os estereótipos de gênero relacionados à dimensão profissional nas representações dos/as estudantes adolescentes. *Revista Thema, 17*(2), 509-523.
- Meneghel, SN, & Margarites, AF (2017). Femicídios em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: as iniquidades de gênero até a morte. *Cadernos de Saúde Pública, 33*, e00168516.

- Mesquita Filho, M., Eufrásio, C., & Batista, M. A. (2011). Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. *Saúde e Sociedade, 20*(3), 554-567.
- Mínayo, M. C. D. S., & Souza, E. R. D. (1997). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos, 4*(3), 513-531.
- Odalia, N. (2017). *O que é violência*. Brasiliense.
- Pratto, F., Sidanius, J., & Levin, S. (2006). Social dominance theory and the dynamics of intergroup relations: Taking stock and looking forward. *European Review of Social Psychology, 17*(1), 271-320. doi:10.1080/10463280601055772
- Pereira, A. S., & de Oliveira, E. M. B. (2016). Brincadeiras de meninos e meninas: cenas de gênero na educação infantil. *Reflexão e Ação, 24*(1), 273-288.
- Pinto, É. J. S., Amorim, V. G., Barbosa, P. V., & de Carvalho, M. E. P. (2019). Mulher e Física: Uma trajetória de sucesso. *Universidade Federal da Paraíba. Revista Temas em Educação, 28*(1), 100.
- Santos, F. M. S. (2019). Amor romântico, ideais e a satisfação nos relacionamentos amorosos (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil. Recuperado de [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30811/1/Disserta%
c3%a7%c3%a3o%20-%20Felipe%20M%20S%20Santos.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30811/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Felipe%20M%20S%20Santos.pdf)
- Sales-Oliveira, C., Villas-Boas, S., & Las-Heras, S. (2016). Estereótipos de gênero e sexismo em docentes do ensino superior. *Revista iberoamericana de educación superior, 7*(19), 22-41.
- Sardenberg, C., & Tavares, M. S. (2016). *Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento*. EDUFBA.
- Schreiber, J. B., Stage, F. K., King, J., Nora, A., & Barlow, E. A. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: A review. *The Journal of Educational Research, 99*(6), 324-337. <https://doi.org/10.3200/joer.99.6.323-338>
- Souza, J. H. (2016). As implicações do sexismo benévolo na afirmação de estereótipos femininos. *Cadernos de Gênero e Diversidade, 2*(1).

- Viana, H. A., de Sousa, A. W. L., & Torres, A. R. R. (2018). Engenheiras e enfermeiros: estereótipos, discriminação e desafios de profissionais contranormativos. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, 29.
- Vilanova, F., Almeida-Segundo, D. S., Duarte, M. Q., & Costa, Â. B. (2020). Evidências de validade da Escala de Orientação à Dominância Social no Brasil. *Manuscript submitted for publication*.
- Wheaton, B., Muthen, B., Alwin, D. F., & Summers, G. (1977). Assessing Reliability and Stability in Panel Models. *Sociological Methodology*, 8(1), 84-136. <https://doi.org/10.2307/270754>
- World Health Organization [WHO]. (2011). *Preventing early pregnancy and poor reproductive outcomes among adolescents in developing countries*. Geneva: WHO. Retirado de http://www.who.int/maternal_child_adolescent/documents/preventing_early_pregnancy/en/index.html